

Problematizando o ideário humanista na vida de Castruccio Castracani

Rodrigo de Assis Brasil Valentini

Introdução

Entendendo a renascença como “uma continuação direta da Idade Média”, concordando com Kristeller (SKINNER, 2009: 12), no sentido de que os elementos renascentistas já se viam presente no período médio. Concordo com Garin (GARIN, 1996: 78) quando ele diz que “a cidade ideal do século XV ser terrena” e o “*Homo faber* artífice de si e de seu próprio destino”, porque entendo que o homem arquiteta seu habitat, assim como sua razão. Apropriando-me desses pressupostos iniciais me proponho a analisar a Vida de Castruccio Castracani por Niccolò Machiavelli escrita em 1520. Pretendo pela obra de Maquiavel entender a construção do tipo de homem “ideal” escolhido para ter sua vida biografada, Auxiliado pelo suporte de duas outras obras suas, a “História de Florença” (1525) e “O príncipe” (1513) e assim contextualizá-lo dentro de seu tempo. Castruccio Castracani pertence a esse imaginário de busca do homem ideal proposto pelo Humanismo¹? Tendo a narrativa de Maquiavel como fonte primária de análise, procurarei salientar os elementos considerados chaves da Renascença², e por eles estabelecer meu diálogo com as obras, que me ajudaram a construir a compreensão de alguns aspectos do imaginário dos séculos XIV, XV e XVI, nos quais estarei envolvido nesse artigo.

Contextualização

Foram as leituras das obras de Dante Alighieri (Monarquia), Thomas More (Utopia), Erasmo de Rotterdam (Elogio da Loucura) assim como Luis de Camões (Os

¹ Entendo Humanismo em conformidade com Garin que o trata como um discurso entre idéias e ideais ético-políticos das cidades italianas; faz uma releitura dos ideais greco-romanos aliando a cidadania com a lingüística, retórica e gramática e também com Hauser, quando problematiza a questão do *imitatio* na Renascença.

² Saliento que a Renascença a qual estarei me referindo neste artigo é a italiana e acima de tudo a florentina, por estabelecer maior suporte com meu objeto analisado.

Lusíadas) e textos sobre a Reforma protestante de Lutero³ que me transpuseram para esse tempo específico – a Renascença – onde mais que um acontecimento do período histórico chamado de Moderno, entendo como um renascimento do homem perante moldes antigos, numa revalorização desse passado visível no cotidiano desses homens, com as ruínas nos centros urbanos, no pensamento e também na escrita retórica dos mesmos. O momento renascentista, no qual construí minha análise, foi influenciado pelo humanismo cívico, que Garin coloca como sendo específico de um tempo florentino. Segundo ele, foi esse espaço-temporal que proporcionou o nascimento desta “cultura”, como vemos:

Chamamos aqui a atenção para a estreita conexão que havia entre os projetos da cidade ideal, a estrutura política e a estrutura arquitetônica, e para a ligação entre o corpo e a alma na nova *polis*, em cujo fundo não é difícil entrever, às vezes, o perfil da antiga *polis*. Além disso, o estado ideal de que se fala e sempre a cidade-estado, ou seja, a *res publica*, que nas formas arquitetônicas objetiva uma estrutura político-econômica adequada à imagem do homem, e que veio se definindo na cultura do Humanismo. O projeto fixa em linhas racionais o que uma experiência histórica particular parece revelar como correspondendo a verdadeira natureza do homem (GARIN, 1966: 59).

Conforme discorreu Garin, esse projeto que fixa uma verdadeira natureza do homem, o qual tinha sua imagem construída de forma que se adequasse a estrutura da cidade-estado, demonstra as aspirações humanísticas de modelação do padrão humano renascentista.

A cidade, ou melhor, Florença, teve uma série de particularidades que apontadas não só por Garin, mas antes dele por Burckhardt, que em conjunto vem reforçar o cenário vivenciado por Maquiavel enquanto espaço moldador e essencial para tentar entender a personalidade de Maquiavel. Para Garin,

Homem e natureza, razão humana e lei natural, integram-se reciprocamente; e a cidade ideal é, a um só tempo, a cidade natural e a cidade racional: a cidade construída segundo a razão e na medida do homem, mas também a cidade que corresponde perfeitamente a natureza do homem (GARIN, 1966: 60).

³ FEBVRE, 1994 e LUTERO, 2004.

Essa integração entre homem e cidade, citados, corrobora para meu entendimento de que a cidade é moldada pelo homem. De que um homem ideal constrói uma cidade ideal a sua maneira, a seus moldes. E acima de tudo encontra-se a razão, pois é ela que indica as medidas dessa construção. É na cidade racional que este homem edifica e é edificado por ela. É nela que ele encontra espaço para se afirmar enquanto cidadão, estabelecendo-se numa relação quase que orgânica, uma harmônica interdependência entre ambos.

Relembrando a ilha proposta por Thomas More, Utopia, vale a pena citar a passagem quando Rafael fala sobre os casos de guerra, onde:

...esse tipo de gente faz tudo por dinheiro, e são muito generosas as quantias que os utopianos têm condições de oferecer. Sabedores dos riscos em que estão convidando os traidores a incorrer, tem o cuidado de oferecer-lhes vantagens extremamente compensadoras (MORE, 1999: 150).

Nesse trecho pode-se notar a concordância de More com Maquiavel na supervalorização do dinheiro influenciando na formação desse homem renascentista. A questão da moral e da ética na política se mostra evidenciada. Deixa claro que esse povo descrito como ideal – utopiano – se subjaz de artimanhas como a do suborno para comprar os inimigos, mostrado em uma passagem logo em seguida. Outro ponto de concordância com Maquiavel é a referencia de More aos soldados mercenários:

Assim a maior parte de seus combatentes é feita por mercenários que recrutam em diversas partes do mundo, mas principalmente no país dos zapoletas⁴, que fica mais ou menos oitocentos quilômetros a leste de Utopia (MORE, 1999: 150).

Convém com essa passagem ressaltar a presença de dos mercenários nesse lugar idealizado por More provém principalmente da Suíça. Interessante nesta passagem está também o fato de NM fazer alusão a questão dos suíços e destes mesmos serem até hoje os responsáveis pela guarda do Papa no Vaticano. More, então, ao trazer outro aspecto a discussão – a escória dos elementos humanos faria a defesa da maior instituição religiosa desse tempo, inclusive a sua que era a Igreja Católica. More assim corrobora

⁴ Os zapoletas são uma alusão ao “povo suíço, do qual provinham os mercenários mais temidos e odiados da Europa, conforme a nota citada em *ibidem*, pag. 151.

com Maquiavel não só no perigo da presença de mercenários para a defesa como também a presença destes na igreja, fazendo crítica também a igreja romana.

Estabelecendo um diálogo de *more* com Rotterdam cito o final da carta de dedicatória feita por este no seu prefácio do Elogio da Loucura:

Mas por que tantas explicações a um advogado como tu, que defendes com perfeição mesmo as causas medíocres? Deixo a tua maestria o cuidado de defender esta *Moria*⁵ que te pertence. Adeus, eloquentíssimo *Morus*! (MORE, 1999: 4).

No trecho acima Rotterdam coloca *more* como detentor da Loucura, pois, ele teria a capacidade de se abstrair do mundo regado e pensar consigo mesmo, se dar oportunidade de “pensar livremente”. Essa prerrogativa de Rotterdam reforça a questão desenvolvida em sua obra, que é a da liberdade proporcionada pela *Moria* na constituição do homem renascentista, especialmente na questão do livre arbítrio cristão.⁶ A questão da cristandade é mais explorada em sua outra obra que trata do modelo de príncipe, quando concorda com seus contemporâneos que os fins justificam os meios, assim como nas questões de moral e ética político-religiosa.

Sem discorrer sobre, mas impossível não comentar o fato da contemporaneidade da Reforma protestante estar na pauta das discussões desse tempo. Salientando-se então a figura de Martinho Lutero, que em seu renascer religioso, se entende um pecador e só assim ser factível de salvação divina. Lutero, assim como *More*, Rotterdam e Maquiavel se reconhecem humano e, portanto pecador. Lembrar aqui a passagem do Gênesis 1.27 que trata disso: “Deus criou o homem a sua imagem; criou-o a imagem de Deus, criou o homem e a mulher (BIBLIA SAGRADA, s/d: 3).” Os autores citados não discutem a questão, mas ela subjaz a discussão, de um deus humano, pecador, virtuoso e também passível dos desígnios da fortuna.

Seguindo a lógica estabelecida, da cidade humana, e, por conseguinte de cidadão humano, conforme Garin, a figura do arquiteto enquanto construtor da matéria e do seu próprio espírito é essencial. Discorrendo sobre o ideário humanista do Renascimento pela narrativa de Maquiavel a cerca de Castruccio Castracani, proponho-me a fazer um

⁵ Deusa grega da Loucura, que dá nome ao livro, conforme nota 5 de ROTTERDAM: 2004, 152.

⁶ O livre arbítrio terá discussão aprofundada, dialogada com Lutero através de obras paralelas, *libero arbítrio e sevo arbítrio*.

breve relato biográfico de Maquiavel, no que entendo ter significância para um melhor entendimento do foco de minha análise.

Niccolò Machiavelli

Maquiavel nasceu em 1469, Florença – Toscana⁷. Descendente de família aristocrática, mas empobrecida, entrou para a vida pública com a idade de 29 anos. Assumiu o cargo de segundo chanceler da república florentina quando Savonarola depôs os Médici do poder, instalando uma república teocrática. Permaneceu por quatorze anos servindo a república em cargos diplomáticos junto ao rei de França – Luis XII, duque de Milão – Cesar Borgia, Papa Júlio II, Imperador do Sacro Império Romano do Ocidente – Maximiliano I, entre outros. Quando em 1512 a República florentina foi dissolvida e os Médici a retomaram, Maquiavel foi acusado de conspiração e acabou na prisão. Foi um Médici, que então era o Papa Leão X, que o absolveu e o sentenciou a um exílio privado em sua propriedade nos arredores de Florença. Foi nesse momento, em estado de exílio de 1515-25, que escreveu a maioria de suas obras.⁸

Acredito que por isso as suas obras sejam todas imbricadas entre si. Foram marcadas pela experiência do exílio assim como sua experiência contrária – vida pública e diplomática a serviço de sua Florença. Essas diferentes vivências em torno de si mesmo e o convívio com estadistas, homens comuns, seus atos e suas respectivas cidades, reproduziu muitas vezes suas próprias experiências nas mesmas.

Castruccio Castracani

É na “*historia de Florença*” que Castruccio Castracani aparece pela primeira vez, vejamos o que Maquiavel nos coloca sobre ele:

⁷ Região situada na parte centro-leste da península itálica compreendia as cidades de Florença, Lucca e Pisa.

⁸ O príncipe, Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio, A Arte da Guerra, história de Florença e a Vida de Castruccio Castracani.

Nessa época, Uguccione perdeu a senhoria de Lucca e de Pisa, e Castruccio Castracani, cidadão de Lucca, tornou-se seu senhor; como era jovem, ousado, feroz e, além disso, afortunado nas suas empresas, em curtíssimo tempo tornou-se príncipe dos gibelinos da Toscana (MAQUIAVEL, 2007: 118.).

Na citação acima já se nota os indicativos desse homem ideal de Maquiavel, ele o descreve como sendo jovem, ousado, feroz, afortunado e, portanto, virtuoso, explicitando o que entendo ser seu conceito de *virtu*⁹. Esses adjetivos ilustram a personalidade de Castruccio Castracani, e corroboram para que Maquiavel o tivesse escolhido entre os homens para biografar como exemplo de ideal, assim como elementos contextuais das tramas as quais Maquiavel se detém em suas obras. Cita como a *fortuna*¹⁰ se colocou presente na vida do jovem príncipe quando fala em afortunado. Taz ainda a questão partidária que dividia os cidadãos do espaço descrito – Toscana – entre gibelinos¹¹ e guelfos¹².

Na “História de Florença” Maquiavel se propôs a escrever a história da cidade desde sua fundação até a morte de Lourenço de Médici, o magnífico, em 1492. No relato detalhado de Florença, fica clara a posição do autor em marcar o poder das famílias na constituição desta. A cidade é tratada com sendo uma família, ou seja, um amontoado de pessoas unidas por traços comuns. Nesta família – cidade – o poder esta sempre em disputa. Maquiavel trata essa disputa por divisões partidárias, entre pró-papas ou pró-império. Mas acima dessa disputa a construção de sua história se faz pela reconstrução dos bastidores da ação política, procurou demonstrar a ação desses príncipes, de como agiam, de como tramavam suas conquistas e de como a mantinham/ou não, enfim, de como estabeleciam seu jogo político. Nessa disputa de poder os conceitos de *fortuna* e *virtu* são colocados como inerentes ao homem. O homem que dispõe de *virtu* consegue desviar-se da fortuna, ou até mesmo manobrá-la, mas o desprovido desta fica a mercê da sorte. Nesse ficar a margem da ação, do *vir virtutis*, Maquiavel coloca a presença da igreja como sendo um poder em ascensão entre seus contemporâneos:

⁹ Entendo *virtu*, via NM, como o homem possuidor dos seguintes elementos: masculinidade, força, razão, retórica e, principalmente ser capaz de se utilizar da fortuna em seu favor.

¹⁰ Deusa grega que pode ser entendida como a deusa do acaso, da chance, da oportunidade, da sorte.

¹¹ Partidários do Imperador.

¹² Partidários do Papa, papistas, a figura do papa é superior em importância a instituição Igreja.

Mas sendo eles regidos por razões superiores, que a mente não pode alcançar, não falarei sobre eles, pois, sendo erguidos e mantidos por Deus, seria homem presunçoso e temerário se discorresse a seu respeito. Contudo, se alguém me perguntasse como a Igreja alcançou tamanha grandeza temporal, já que, antes de Alexandre, os potentados italianos (...) pouco a valorizavam no que se refere ao domínio temporal e agora um rei da França treme diante dela, que conseguiu expulsá-lo da Itália e arruinar os venezianos, não me pareceria supérfluo recordar estas coisas, embora sejam conhecidas (MAQUIAVEL, 2008: 53).

No trecho acima, retirado d'O príncipe, Maquiavel deixa explícito sua posição quanto a Igreja. Coloca em dúvida seu poderio e a maneira de como o medo do castigo exerce influência sobre alguns de seus pares. Conhecedor dos bastidores do poder, tendo servido junto a centros de poder, presenciou atitudes pouco virtuosas no sentido usual de *virtu*. Mas sim, muito virtuosas no sentido em que ironicamente coloca o *virtu* como o mais ordinário predicado do homem para viver, a que posso dizer ser a essência real do homem – agir dentro de seu contexto, concordando com Febvre (MATOS, 2006: 174) quando diz que:

O conhecimento do passado consistirá, então, em sua interpretação e organização a partir de problemas e através de conceitos. O resultado final é um passado que o presente tem necessidade de conhecer. O tempo reconstruído está, e isto é explicitado, a serviço do presente (MATOS, 2006: 35).

Assim, concordando com a citação acima, entendo Maquiavel quando da escrita de suas obras colocando suas questões que lhe foram contemporâneas como sua fonte de questionamento para as problemáticas do seu tempo. Concordo também com Pesavento¹³ quando fala do “ofício do historiador contemporâneo ser antes de tudo saber ocupar os espaços.”

Tendo feito uma contextualização básica e necessária principalmente do aspecto das mentalidades do período da escrita do texto aqui utilizado como fonte de reflexão, convido ao leitor a acompanhar-me numa releitura da vida de Castruccio Castracani, passando pelo filtro de Maquiavel. Antecipando, sem poder me esquivar, algumas conclusões no sentido da relevância que tem o cidadão, enquanto sujeito de si de se

¹³ Relato de Sandra Jatahy Pesavento ao autor, por ocasião da conferência de encerramento do seminário de memória e patrimônio realizado em set-2007, Pelotas - RS.

postar criticamente e com elas interagir. Não no sentido de produzir verdades / leis, mas sim, de contribuir com hipóteses de verdades / leis, que é no meu entender, o objetivo maior do cientista social – historiador.

O que se supõe ser o ideal de homem para Maquiavel nada mais é do que a história de uma criança, abandonada a própria fortuna, que foi encontrada por clérigos deitada no meio dos vinhedos de terras da família Castracani, em Lucca. Sendo a mulher que o achou viúva e, tendo morada com seu irmão, que é padre, resolveram por bem adotar o menino e o nomearam Castruccio como fora seu pai, já falecido. Assim inicia a vida de Castruccio Castracani, que com *fortuna* mesclada a *virtu*, maneja ter um lar e educação. Sendo criado no meio de clérigos a educação que lhe foi determinada era essa, a voltada para teologia.

Muito cedo Castruccio Castracani se destacou entre seus “minis” pares, sendo tomado como exemplo a ser seguido, e desde então já exercendo liderança entre os mesmos. Por favores da *fortuna*, um cidadão eminente de Lucca, messer¹⁴ Francisco Guinigi – líder dos gibelinos, o destaca entre os demais, até que um dia o aborda:

E, um dia, tendo o assediado, ele perguntou onde gostaria de viver – se em uma casa de nobre onde aprendera a cavalgar e a manejar armas ou em uma casa de padre onde só ouviria sermões sagrados e missas (MACHIAVELLI, 2003: 6).¹⁵

Não é preciso ser adivinho para saber a resposta do menino. O menino possuindo a *vir virtutis* aceitou a proposta de messer Francesco de ir com ele morar. Seu pai de criação fora convencido a deixar que o menino Castruccio Castracani escolhesse seu caminho, exercendo desde cedo seu livre arbítrio. A vida de Castruccio Castracani nessa família nobre provocou a interferência da *fortuna* e o levou a adquirir a *virtu* desejada para completar sua personalidade. Este fato termina por moldar a criança em cidadão “virtuoso”, viril, forte nas artes da guerra e da retórica.

A vida de Castruccio Castracani foi pública, foi príncipe de Lucca, tomou decisões levando em conta seus interesses, matou amigos antes que se tornassem

¹⁴ Título honorífico de caráter urbano, indicava respeito a cidadãos, personalidades de destaque da cidade, senhoria.

¹⁵ NT. And one Day, having summoned him, he asked him where he would rather live – in the house of a nobleman who would teach him how to ride and handle weapons, or in the house of a priest where he would only ever hear holy offices and messes.

inimigos. Foi partidário do Imperador – gibelino – por entender que seu “povo” era adepto ao fato de só reconhecer um líder. Contrário então ao sistema tradicional de Florença, república vizinha, que por ter múltiplos grupos de cidadãos, estavam sempre em guerra civil, disputando pelo poder. Lutou por um “humanismo cívico” em que previa o bem maior do seu principado do que seu próprio, mas sem que isso interferisse na sua vida privada. Manteve-se sempre superior, num patamar “suprahumano”, já proposto pelo similar de Dante – o monarca divinizado e mais tarde renascido por Nietzsche com o *übermensch*¹⁶.

Entendo Castruccio Castracani como sendo um homem ordinário, comum, na biografia proposta por Maquiavel, sem esquecer que o ambiente, cidade, arquiteta a formação deste. Como comum, a hora da morte chega para todos, convém observar o que Castruccio Castracani diz a seu filho antes de morrer:

Se um dia eu pensasse, meu filho, que a Fortuna iria me tirar do caminho em direção a fama que eu havia-me prometido ganhar, ter-me-ia esforçado menos e teria te deixado com um legado menor, mas com menos inimigos e tendo que enfrentar menos inveja (MACHIAVELLI, 2003: 30).¹⁷

Por essa passagem fica evidente a natureza do homem onde na hora da morte as reflexões se tornam mais verdadeiras. Interessante notar que no caso de Castruccio Castracani não acontece um pedido de perdão ou de salvação da alma e sim se aconselhamento para o continuo de sua existência por meio dos que lhe são próximos, no caso seu protegido.

Castruccio Castracani é a representação desse homem moderno, humano e por que não atemporal. O homem de Maquiavel já teve versões anteriores e futuras depois de Castruccio Castracani. A essência desse homem em se reconhecer como tal e de superá-la foi proposta, em no final não atingida. A morte é inerente ao nascer. Maquiavel mostra na trajetória de Castruccio Castracani a vida dos humanos em busca

¹⁶ Entendo que não se pode traduzir por super-homem, e como não existe palavra correspondente em português, proponho a utilização do termo suprahumano ou suprahomem. Mas mesmo assim, tenho dúvidas se o original não seria o melhor.

¹⁷ NT. “If I had ever thought, my dear son, that Fortune would want to cut me off in the midst of the past I was following towards that fame that I had promised myself to gain, with the many successes I had brought off, I would have toiled less and would have left you with a smaller state but with fewer enemies and facing less envy.”

de si mesmos, seu renascer constante na alma de quem se pretende viver seu tempo, ser um eterno contemporâneo.

Fonte primária

MACHIAVELLI, Niccolò. *Life of Castruccio Castracani*. Londres: Hesperus, 2003.

Fontes auxiliares

MAQUIAVEL, Nicolau. **A Arte da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **História de Florença**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **O príncipe**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Referências bibliográficas:

ALIGHIERI, Dante. **Monarquia**. São Paulo: Ícone, 2006.

Bíblia sagrada. São Paulo: Livraria Editora Iracema Ltda, s/d.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália – um ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMÕES, Luis Vaz de. **Os Lusíadas**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

EHRHARDT, Marcos Luis. **Vir virtutis: a construção da imagem do príncipe perfeito nos escritos de Lucius Seneca (Roma – primeiro século da era cristã)**. In: PLEIADE. Foz do Iguaçu: Uniamérica – Biblioteca, v.1, n.1, jan/jun, 2007.

FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Lisboa: ASA, 1994.

GARIN, Eugenio. **Ciência e vida civil no Renascimento italiano**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

HANH, Fábio André. **Reflexos da Perfeição: alguns Elementos do Gênero Espelhos de Príncipes na Idade Moderna**. In: Revista Varia Scientia, v.06, n.12 (versão eletrônica disponível em: www.unioeste.br/saber)

HAUSER, Arnold. **História Social da Arte e da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KRISTELLER, Paul Oskar. **Studies in Renaissance thought and letters**. Rome, 1956.

LUTERO, Martinho. **Martinho Lutero: obras selecionadas, V.1, os primórdios – Escritos de 1517 a 1519.** Porto Alegre: Ulbra, 2004.

MATOS, Júlia Silveira. **Lucien Febvre e a Quádrupla Herança: aspectos Teóricos do campo Biográfico.** In: Biblos. Rio grande: Editora da FURG, v.20, 2006.

MORE, Thomas. **Utopia.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SEIGEL, Jerrold E.. *“Civil humanism” or Ciceronian rhetoric? The culture of Petrarch and Bruni.* Past and Present, 34, 1966.

SKINNER, Quentin. **Fundamentos do pensamento político moderno.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.